

PONSON DU TERRAIL

Paris, dezembro de 1867.

Se na disciplina litteraria houvesse o saluberrimo rigor da policia em terras civilizadas, se aos crimes do litterario se applicasse uma pena equivalente á que pune os crimes do cidadão, o snr. Ponson du Terrail, segundo todas as probabilidades, estaria ha muito tempo no degredo arrastando um fuzil ou nas galés puxando a um remo.

Os romances assignados com o nome de Ponson, com excepção de um ou outro volume ou de um ou outro capitulo em algum volume, são letras facinorosas. Corrompem o gosto como empadão indigesto, irritam os paladares com o perrechil de successos estapafurdios e estrambóticos, e arruinam os estomagos intellectuaes com sucos derrancados e podres.

Habitua-se alguma gente a ler estes livros assim como se habitua ao absintho, ao queijo bichoso e ao tabaco de fumo. E' um mal enorme.

O enredo de um livro consta de um enlace e de um desenlace, de uma situação ou de um conjuncto de situações, que constituem um problema, e de um desfecho, que é a solução d'esse problema. Intrincar os dados da proposição que se ha-de resolver, amontoar situação sobre situação para tornar o problema mais difficil, isto, que desperta a attenção e o interesse, isto, que não offerece grande difficuldade, sabe fazel-o o snr. Ponson. O segundo trabalho do romancista consiste em achar a solução exacta e perfeita dos principios que expoz. Se esta solução não apparece, o livro fica sendo apenas um enunciado mais ou menos chôcho, mais ou menos absurdo, mais ou menos atrevido. Ora os livros de Terrail não teem solução.

Apenas elle sente nos dedos o fio de uma narrativa, principia a dar-lhe nós sobre nós, torcendo-o, envencilhando-o, emaranhando-o o mais que pode.

O leitor pasma maravilhado de tamanha confusão e pergunta a si mesmo como será possível desenvencilhar essa meada, desdar tantos nós, adelgaçar tanto empaste, e retirar por fim d'esse embroglio inextricavel o fio da verdade e da logica, inteiro, liso e corrente.

Ponson, ao ver o leitor assim embasbacado diante da sua obra, exclama então da ultima pagina do livro:

—A apostar que nem tu nem ninguem era capaz de desembrulhar esta barafunda! Sabes ou não sabes resolver taes casos? Sabes?... um! Sabes?... dois! Sabes?... tres!

—Não, divino e incomparavel Ponson: confesso-te que não sei.

Ponson mette a mão na abertura do collete, investe com a fronte para os astros e conclue triumphantemente:

—Nem eu!

E enquanto por tão facil modo Ponson du Terrail augmenta infinitamente o numero das suas publicações,

NUMERO 16

os escriptores conscienciosos, honrados e sinceros descontam no trabalho, na fadiga e na sombra a boa fé com que acreditam ainda na arte, no bello e no ideal!

Ha o que quer que seja de commum entre Terrail e Dumas, mas é preciso em honra do segundo que o não confundamos inteiramente com o primeiro.

No celebre drama de Dumas que ultimamente voltou á scena do theatro de Cluny, Antony, surpreendido pela aproximação do marido atraçoado no momento em que tem nos braços a mulher amada, cuja fronte elle não pode salvar do ferrete infamante da deshonra, Antony, amado e anante, crava um punhal no seio da mulher que lhe entregou a sua vida com a sua honra, e salva-lhe a memoria perante a sociedade e perante o esposo atonito, sacrificando-se a si proprio n'esse dicto sublime, que faz sorrir de mofa a geração contemporanea:—Resistia-me, assassinei-a.

No tempo em que este drama recebia os primeiros applausos que o immortalisaram e fizeram legendario o nome do seu heroe, foi preso um dia e levado perante os tribunaes um gatuno embriagado que matara com uma navalhada uma mulher de má vida. A's perguntas do juiz o *royou* respondeu erguendo-se do seu banco, arremettendo com a testa para as nuvens e pondo a mão no coração:—Resistia-me, assassinei-a.

Se me é licito empregar um simile que exprime perfeitamente a minha ideia, na litteratura Dumas é o Antony, Terrail é o *royou*; aquelle o crime no heroismo, este o crime na lama.

Dumas sacrificou muitas vezes nas suas obras a inspiração á abundancia, a verdade dramatica ao effeito scenico, o genio ao modo de vida. Apresenta-se frequentemente com uma couraça de papelão doirado em vez de uma armadura d'aço; para não ter o trabalho de lançar a mão ao tropheu das suas armas, substitue, como o heroe da Mancha, o elmo, que tem em casa, pela primeira bacia de barbeiro que lhe apparece no caminho, uma regua de pau por uma lamina de Toledo, um rabinho de coelho pelo pennacho de Henrique IV e o guincho de um polixel pelo grito d'um coração.

Mas, palpando-se bem, sente-se que está gente de baixo d'essa pompa carnayalesca, que o elmo de Quichote cobre uma cabeça de poeta e que o sabre de pau d'Arlequin está no punho de um homem. A verdade social é dilacerada e a exacção historica é tractada nos livros de Dumas como a porcelana nas ceias de *cocottes* na Maison Dorée: come-se n'ella por um momento e atira-se em seguida á rua. Mas entre esses destroços, em que ha sempre um ar fantastico de alegria e de festa, como se o champagne estalasse e espumasse ainda por entre os cristaes quebrados, e as ostras o as tubaras sapatenssem um *caneen* sobre os cacos de Sevres, entre esses estragos de um estroina impetuosamente juvenil, ha, digo, alguma coisa real, viva, palpitante, eterna: a sinceridade das grandes paixões, a yerdade do coração humano.

Ora nos romances do snr. Ponson du Terrail não ha verdade de nenhuma especie.

Dumas faz alguma vez negocio com o talento, Terrail faz d'elle contrabando, logração e falcatura.

Conheco-se a palavra *terralhismo* adoptada para designar essa profanação da poesia e da arte de que Ponsou é o principal reu. Vingá-se a critica algemando assim á proeza o nome do heroe: *terralhismo* vem de Terrail assim como *fajardice* de Fajardo.

E' de muito mau exemplo a impunidade n'estes casos. Pune-se o homem que adultera os generos alimenticios, porque se não ha de poder punir o sujeito que adultera os generos litterarios? O individuo que offerece ao nosso espirito uma pieguice em vez do amor, uma bravata em vez da valentia, e em vez do valor uma pèta, outra pèta em vez da religião, outra pèta em vez da coragem, uma pèta finalmente em vez da humanidade, quer-me parecer que não commette menor delicto que o especieiro que bota caruncho na canella ou o taberneiro que deita campeche no vinho.

Um livro avinagrado pode ser tão nocivo á saude publica como uma garrafa d'agua pé tingida com sangue de carneiro. Levar a gente para casa a *Ultima palavra de Rocambole* como um quadro de costumes contemporaneos é um logro tão crú como receber um chouriço de sangue em vez da *Cabana do Pae Thomaz* ou um salpicão do Alemtejo em lugar de *Paulo e Virginia*, com a differença de que a *Ultima palavra de Rocambole* não a pode a gente mandar fritar para o almoço nem comer ensopada com feijão. Com o vinho verde estragado pode-se fazer graxa de lustro, e com um pedaço de presunto bichoso faz-se uma isca envenenada para os ratos, ao passo que com um romance fallido nem se substitue, que me conste, uma ratoeira nem se pode mandar engraxar uma bota.

Apezar porem de escapo da vigilancia da policia sanitaria, que por em quanto não intervem na analyse dos simples que compõem as drogas litterarias, o sr. Ponsou du Terrail acaba de ter um processo, e de ser condemnado ao cabo d'elle. Eis o caso:

O sr. Ponsou possui, segundo agora se soube, dois gabinetes de trabalho, um na casa que habita na rua de Bruxellas, e outro na rua Vivienne. A posteridade, vendo a immensa quantidade de livros devidos á penna d'este escriptor, é possível que imagine que elle trabalhava nos dois quartos ao mesmo tempo, e que os dois gabinetes de Terrail passem á historia ao lado dos quatro secretarios de Cezar.

Aquí ha cerca de um anno, o auctor de *Rocambole* precisando de cortinados para um dos seus gabinetes, escolheu fazenda e fez a respectiva encomenda em casa de Olivier. No dia immediato agrada-lhe porém mais uma outra fazenda que a primeira que elegera. Olivier, apezar de haver já cortado os cortinados na fazenda primitivamente designada, satisfez o segundo desejo do romancista, do qual havia no entanto recebido uma carta concebida nos seguintes termos:

«Meu caro senhor

«Agradeço-lhe a pequena concessão que me fez; precisarei effectivamente de si durante este inverno para

renovar a mobilia da casa em que moro na rua de Bruxellas, porque a que tenho na rua Vivienne é apenas um ponto de descanso.

«No entanto, encontrarei certamente em um dos meus romances occasião de lhe fazer uma pequena *réclame*.

«Cria-me

«Seu dedicado

«Ponsou du Terrail.»

Olivier escreveu a Terrail:

«Senhor Ponsou du Terrail

«Como me disse que tinha pressa dos seus cortinados, estavam já cortados e em obra quando recebi a sua contraordem; mas como eu desejo sobretudo fazer a vontade aos meus freguezes far-se-ha o que deseja. Mandarei apromptar os cortinados e os reposteiros com o tecido da India que me designou esta manhã. Como unica indemnisação peço-lhe que pense em mim quando precisar de mobilia, e principalmente que me recomende aos excellentes conhecimentos que tem na sociedade.

«Olivier.»

Esta santa harmonia quasi fraternal que vemos estabelecida entre o sr. Ponsou du Terrail e o fornecedor das suas cortinas desapareceu no momento em que este lhe apresentou a conta.

Olivier pedia 798 francos pela sua obra. Um espirito mais acanhado que o do fecundo romancista ter-se-ia talvez contentado com abater os 8 francos a esta conta, e dizer a Olivier: Vamos, contente-se com 790. Terrail porém abateu a esta somma a quantia de 448 francos e promptificou-se a pagar o resto.

—Trezentos e cincoenta francos, querendo, foi a resposta d'elle.

Como a ideia do romancista era abater ao armador a quantia de quatrocentos e quarenta e oito francos, é natural que, no caso de lhe levarem apenas trezentos francos pela obra, elle tivesse respondido a Olivier:

—Os cortinados estão bons. Em quanto a preço mande-me cento e quarenta e oito francos e estamos pagos.

Olivier porém não acceitou esta proposta. Os trezentos e cincoenta francos de Terrail entraram no cofre das consignações, e o romancista compareceu perante o tribunal a que o chamou o crédor.

O juiz condemnou o auctor de *Rocambole* a satisfazer ao fornecedor das suas cortinas a quantia de 550 francos.

Eu tinha os olhos n'este processo, e declaro que me sensibilisa o inesperado resultado que elle teve.

A meu ver o tribunal devia mandar reembolsar ao sr. Terrail os 350 francos que elle tinha deposto no cofre das consignações, e obrigar em seguida Olivier a passar-lhe um papel de paga e quitação.

Pois quê! Não lhe tinha promettido o illustre romancista fazer-lhe uma pequena *réclame* em um dos seus li-

vros? não tinha elle ficado de o recomendar *aos excellentes conhecimentos que tem na sociedade!*... Ainda quer dinheiro por cima! Passa fóra que é juden. Está pago e repago com a recommendação e com a *réclame*.

Era isto certamente o que pensava o sr. Ponson du Terrail, e isto é o que se me figura a mim que deve ser.

Entendo eu que o *Café Anglais*, por exemplo, faria um excellentes negocio se eu me compromettesse a ir lá jantar todas as noites em *partie fine* n'um *cabinet sur le boulevard* com a obrigação minha de dizer aos conhecimentos que tenho na sociedade:

—Recommendo-lhes uns petiscos que ha no boulevard dos Italianos, á esquina da rua de Marivaux.

Então a *réclame* não vale nada?!... E' uma graça. Quero perder a cabeça de Ponson se o meu alfaiate se atrever a mandar-me a conta de umas calças que eu acabo de receber depois de ver publicado o seguinte:

«O sr. Renard, alfaiate no boulevard dos Italianos, fez-me um par de calças que são uma perfeita maravilha. eu estimo mais a conservação d'estas minhas calças do que a das minhas proprias pernas; e a prova é que, não podendo guardar ambas as coisas juntas, fecho as calças na mala e deixo as pernas de fóra.»

KAMALHO ORTIGÃO.

REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS

(Continuado do n.º 15)

—E' um ultraje para mim; e um insulto feito a meu marido—redarguiu Regina.

—Não me falle n'esse homem, por Deus!—interrompeu D. Thomaz com azedume — Que respeitos, que considerações lhe deve quem a desconhece e a deixa quasi no isolamento, passando a vida nos braços impollutos da torpeza? Onde está o seu espirito e intelligencia, minha senhora?

—Nos limites da honra e do dever — respondeu a viscondessa com altivez.—Se s. exc.^a entende que o proceder de meu marido podia absolver-me do crime aos seus olhos e aos olhos da sociedade, reconheça que a minha dignidade está longe de transigir com esses abomináveis e falsos preconceitos. Creia-me, sr. D. Thomaz de Noronha; e com isto que vou dizer-lhe não pode magoar-se a sua vaidade, penso eu. Aqui, onde ninguém nos ouve senão Deus, posso dizer-lhe com a afoiteza da consciencia segura de si, que s. exc.^a desbarata o seu tempo e que nenhum outro o aproveitará melhor dirigindo-se a mim. Depois d'isto, será desnecessario pedir lhe que me

esqueça; que, se tanto for preciso, despreze a mulher que guarda, em meio d'uma sociedade culta e espirituosa, esta bizonhice d'ideias que a podem talvez fazer ridicula.— Neste ponto, nos labios da viscondessa apontou um ligeiro e ironico sorriso. E continuou depois de breve pausa:— São estas as joias que arrecadei no sacrario do coração; são estas as crenças divinas lá implantadas por uma santa mãe, as quaes espero morrer fiel. Guerreie-me o mundo; abale-se o edificio da minha razão; o cimento d'esta adoravel doutrina está tão enraizado na minha alma, que respondo pela sua segurança. Esqueça-me, portanto; esqueça-me; é um conselho de amiga.

—E posso... poderei eu consegui-lo nunca?!—exclamou D. Thomaz—Julga ser facil arrancar do pensamento a sua imagem?... Não me peça impossiveis, viscondessa. Tenha dó de mim; deixe-me acalentar uma esperança por mais afastada que seja.

—E' impossivel!—accudiu logo Regina com firmeza —O que não posso, o que s. exc.^a não pode esperar de mim, é o aviltamento aos seus olhos e aos meus. Convença-se de que os maiores esforços empregados para me transviar do meu caminho são inuteis; e verá logo como até a sombra desaparece d'este ligeiro capricho.

—Capricho!—bradou D. Thomaz com azedume — Já vejo que s. ex.^a me comprehendeu mal; que a minha presença a inquieta; e os meus transportes a atemorizam. A senhora viscondessa entendeu, e entendeu bem, que o meu amor, cego, irresistivel, e fanatico como é, havia de leval-a a extremidades, d'essas que o bom censo condena. Pensou bem, minha senhora... o desgraçado sou eu.

Eu que sinto ainda, depois d'este desengano atroz, a sublime demencia de, se é possivel, me crer mais cegamente perdido no abysmo insondavel da paixão louca, sem freio nem raciocinio. Amo-a como nunca ameí! Sei que este amor é eterno; e que diga ou faça v. exc.^a o que fizer, não muda a minha escravidão.

—Até aqui, o sr. D. Thomaz de Noronha, incommodava-me; d'aqui em diante passará a affligir-me. Ponhamos termo a uma conferencia desagradavel — Continuou Regina com signaes de manifesto enfado.—Eu fiz a v. exc.^a uma exposição sincera dos meus sentimentos; cuidei ser isto o bastante para um cavalheiro me assegurar a tranquillidade que apeteço. Se porem errei nesta supposição, o que não devo é penitenciar-me de culpas que não tenho, ouvindo-o. Queira s. exc.^a pezar as reflexões que lhe fiz; adquira o habito de pensar antes de arriscar a sua dignidade. Folgarei muito de ouvi-lo dizer um dia que lhe aproveitaram os meus conselhos. Que luera o homem na perseguição, quando a mulher requestada não tem precedentes, que authorisem o galanteio?! Pelo contrario, o mundo ri-se, quando vê cair a aguia do encontro a um fragil rochedozinho, e quebrar n'elle as azas que até ahí a libravam nas alturas.

—E a rocha sempre firme!—murmurou D. Thomaz meneando melancolicamente a cabeça — A pedra sempre dura! O granito sempre impassivel! Enquanto a soberba rainha dos astros jaz abatida e semi morta sobre os

espinhos do tojal! S. exc.^a acaba de fazer uma prophecia. A sua indiferença é o rochedo em que vieram acabar todas as minhas vaidades de mancebo; todos os meus sonhos de creança; todas as aspirações nobres do homem. Agora sim, matou-me. Matou-me, excepto o coração; esse vive, esse não pode morrer, enquanto a luz dos seus olhos seintillar no meu espirito. Queria o seu odio; queria que me aborrecesse; preferia tudo a este desdem frio, reflexivo e sentencioso com que me tem fallado. Ao menos, deixe-me retirar na persuasão de que a não offendi; que perdoe ao louco que se embriagou com o nectar da esperança. Posso contar com esta prova unica da sua benignidade? — Concluiu elle levantando-se e tomando o chapéu.

— E com o esquecimento — respondeu logo Regina, sorrindo— Estabeleço uma unica condição. O sr. D. Thomaz de Noronha, se quer que fiquemos amigos, não me recorde com a sua presença esta má hora que findou.

— S. exc.^a ordena; a mim, cumpre-me obedecer.

E, cortejando profundamente, D. Thomaz sahio conculso de raiva.

XII

Marido e mulher

Depois da referida conferencia, aguilhoado pela natural soberbia de sua indole que se achava rebatida aos pés da viscondessa, D. Thomaz sentiu o inferno dentro do coração.—Era preciso vencer a todo o custo aquella virtude indomavel, que tivera a audacia de affrontar-o, declarando-lhe a inefficacia de seus esforços. Era-lhe necessaria a victoria para se não crer desprestigiado em seu proprio conceito. Restava saber porque meios havia de conseguil-o. Os obstaculos que se lhe apresentavam eram d'aquelles que fazem retroceder ainda os mais afoitos; elle, porem, sentia-se animado a entrar na liça, e não cogitava senão em presagios favoraveis aos seus desejos.

—Deshonrado seja eu se não chego a dobrar a feroz altivez desta mulher!... Has de ser minha! —exclamava elle percorrendo a largos passos o seu aposento, preso da mais violenta agitação—Has de ser minha, viscondessa! As torturas da espera, estes momentos de satânico frenesim porque me fazes passar, hão de custar-te caros!

Has de ser minha!...—repetia interiormente, e concentrado nas suas meditações—O que hoje sinto por esta mulher é o que nunca experimentei por nenhuma. E' o odio, julgo eu. Oh! como eu hei-de saborear a posse da minha vingança! Que infernaes jubilos me esperam!... Incommoda-te! aborreço-te! Pois bem. Tanto melhor. Se te agrada a peleja, combateremos. Não me vencerás em hypocrisia. Ver-se-ha, se a aguia quebra no rochedo as garras com que deve impolgarte!

Alta ia a noite, quando D. Thomaz, cansado de bafustar em espirito, á cata de idea propicia a seus intentos, adormeceu profundamente.

A essa hora, Regina vellava ainda.

— Como sou infeliz, meu Deus! — dizia ella para comsigo— Nem ao menos posso contar com o respeito dos homens!.. Eu, que toda a minha vida tenho passado presa a uma saudade, e essa mesma immaculada! pura e santa!... Que será feito de ti, Salvador?... Ai! como eu estou vendo aquelle ceu limpido em que se espelhavam as nossas almas! aquella abobada infinita para onde nos fugia o pensamento alheado da terra?! Como tudo isso fugiu rapido! Como se perderam os nossos sonhos, no marulhar das vagas alterosas do interesse vil e sordido, que me levou a mim de vaivem em vaivem até chegar a isto que sou hoje!... E meu marido! Este homem que em lugar de envelhecer remoeva todos os dias na loucura! Não se lembra que me expõem á malevola occiosidade dos seus companheiros de devassidão; não conhece o ridiculo que peza sobre elle, e vem reflectir-se na mulher que esmagou o coração para não deshonrar o seu nome!... Devo fallar-lhe sobre isto; não como esposa offendida, Deus me livre que de tal se lembrasse! mas como amiga, como a companheira da sua existencia, como pessoa verdadeiramente interessada na sua dignidade. Possa eu desviar-o da ignominiosa estrada do vicio, que me conspurca tambem a mim.

Firme neste proposito, teve Regina de esperar alguns dias, até se lhe propiciou occasião favoravel.

O visconde tornara-se um dos maridos menos incommodos contheudos no mundo sublunar.

Recolhia tarde; levantava-se de ordinario á uma hora para almoçar, e, se a esposa por qualquer motivo deixava de comparecer, ia comprimental-a aos seus aposentos muito afastados dos que elle occupava. Desde que se erguia do leito, a demora em casa, quer d'uma ou outra maneira, era sempre breve. E depois d'esta hora, não se contava mais com elle. As mais das vezes juntava com os amigos que enxameavam em redor de si; ou com a nymphá que redobrava de extremos, certa de que lhe eram pagos muito alem do seu merecimento.

A' vista do que acabamos de expôr, não é preciso dizer-se que a viscondessa tinha o tempo todo por seu, e podia aproveitá-lo como lhe aprouvesse. Se algum syndicava seus passos não era de certo o marido.

Esperou-o ella pois uma manhã no seu quarto, bem resolvida a não o deixar sahir sem ter ouvido amargas verdades.

Logo á entrada, o visconde notou o ar grave da esposa, mui diverso da melancolica benevolencia com que de costume o aguardava. Impacientou-o a idea dos momentos que teria de passar ao lado d'ella; e d'ahi cogitou n'um compromisso qualquer que lhe encurtasse a visita.

—Peço-lhe paciencia por alguns instantes, visconde. Em primeiro lugar farei por ser breve; e em segundo, se o som da minha voz o molesta, n'esta occasião creia que desejo, e até lhe rogo que esqueça, que sou eu quem está ouvindo.—Disse Regina depois dos primeiros.

O visconde cada vez mais contrariado, respondeu, encostando-se ás costas d'uma poltrona em frente da mulher.

—Pois diga lá viscondessa, mas não se esqueça também de que me esperam.

Regina sorriu com impercetível ironia, e começaram com todo o melindre a tratar do assumpto.

Mansamente, e em termos delicados, tocou nas relações d'elle com a dançarina; fez-lhe sentir o ridiculo que peza sobre o homem de certa posição e idade, que se entrega a esses desvios, terminando por fazer-lhe ver o risco a que, ás inconveniencias do marido expõem a esposa, entregue a si e á solidão, e ás importunações d'aquelles, que, pelo facto do abandono, se julgam com direito a ser bem recebidos.

Muito para considerar fora o exordio já; porém ás ultimas considerações, o visconde a quem o amor já não enfriava, tremeu de colera.

(Continua.)

O DESPERTAR DA FESTA

Mais vous, comment êtes-vous seule ici?
Que leciel vous conserve le pudeur.

CHATEAUBRIAND.

Tu dormias, o braço descahido,
A face cor de rosa mollemente
Curvada sobre a mão;
Sonhos meigos e alegres te embalavam,
O sorriso brincava-te nos labios,
O amor no coração.

Os cabellos das auras perseguidas
Temendo beijos d'ellas te abraçavam
O collo de crystal,
Teus olhos entre abertos pareciam
Botões de rosa, que golpeou de leve
A briza matinal.

Arquejavam-te os peitos semelhando
Do verde limoeiro lindos pomos
Já prestes a cahir;
Tranquillo e descuidoso era o teu somno,
Não te opprimiam sombras do passado,
Nem sustos do porvir.

Erão teu leito assentos de cortiça,
Resguardavam-te bosques de loireiros
Dos queimores do sol,
Ao teu lado a fontinha murmurava,
Mandava-te canções da verde murta
Mavioso rouxinol.

Perfumavam-te o somno as madresilvas
Pendentes dos loureiros, como franjas
De magico docel,
Beijavam-te na face as mariposas,
E viam-se cahidos sobre a relva
O leque e o teu anel.

Dormias e sonhavas; não ignota
Guiou-me para alli errantes passos,
Amor talvez? Não sei.
Eras bella, sorriam-se teus labios,
O labio, que sorri, pede-nos beijos,
Com beijos te acordei.

Estremecees, d'um pulo te levantas,
Olhas em torno, e, timida gazella,
Partistes a fugir,
Brado-te, e sustas os ligeiros passos,
Concertas o vestido amarlotado,
E voltas a sorrir.

Em brinco amavel, no mimoso rosto,
A um tempo, transluzia e se esmaiaava
Do pejo a linda côr,
Restos de somno os olhos te ensombavam,
O coração pulava-te no peito
Por timidez e amor.

E, sentamo-nos ambos, perguntei-te
Que magica harmonia te embalara,
E fez adormecer;
Compondo as tranças, esfregando os olhos,
Disseste-me entre chuva de sorrisos
Adormeci a ler.

«O que lias?—O livro de Canções,
—A espaço meditava nos amores
Da triste Dona Inez,
«Tu lias? Meditavas? Lê, medita.
«Mas... só, assim, não durmas, anjo lindo.
«Não durmas outra vez.

J. FREDERICO LARANJO.

TIRANT LO BLANCH

Aquelle inestimavel livro de cavallaria intitulado *Tirant lo Blanch*, e ardidamente tranferido da bibliotheca publica do Porto para a bibliotheca particular do marquez de Salamanca, já hoje se mostra sem pejo nem rebuço entre as raridades bibliographicas do argentario hespanhol. Não nos parece digna de louvor a vaidade com que o sr. marquez permittiu que dois litteratos seus conterraneos, publicadores do *Ensayo de una bibliotheca española de libros raros y curiosos* estadeassem a vangloria do possuidor d'um livro obtido por um processo desairoso, senão aviltante. Se o livro foi comprado, não é a compra desculpa, desde que ahí se ergueu um pregão deshonrosissimo para quem vendeu objecto estranho; se o livro foi meramente havido como dádava, não se liquidou ainda a preceito se eu posso dar o que não é meu sem que me chamem esbulhador da propriedade de outrem, e se a pessoa que me recebeu a dádava, depois que soube que ella era um furto, dêva chamar-se receptadora da cousa que seu legitimo possuidor reclama.

Como quer que seja, *Tirant lo Blanch*, o livro fraudulentamente levado da Bibliotheca do Porto, apparece desde 1863 realçando entre as maximas raridades typographicas do snr. marquez de Salamanca.

No douto e ja referido «Ensayo...» columna 1191 do 1.º tomo, encontramos o seguinte artigo:

«1217. TIRANT LO BLANCH (Empieza este libro á la vuelta de la primera hoja con la tabla) A honor: laor: e gloria de la immensa: e devina bondat de nostre senyor deu ihesu christ: e de la sacratissima mare sua. comencen les rubriques del libre de aquell admirable Cavaller tirant lo blanch. *(Al fim, fon acabada d'empremtar la present obra en la Ciutat de Valencia a XX del mes de Nohembre del ay de la nativitat de nostre senyor deu Josu crist mil CCCCLXXX (1490) Fol. l. g. (BIB. DEL EXCMO. SNR. D. JOSE DE SALAMANCA.)*

Tiraram pois a Portugal a sua mais rara joia bibliographica. Por 1:350\$000 comprou um amator inglez um exemplar. Quanto daria o hespanhol pelo exemplar da bibliotheca portuense? Não será facil destrinçar estes segredos passados entre chatins de tão alto porte.

O livro foi para Madrid. Em Portugal ficou.... o opprobrio.

C, CASTELLO BRANCO.

JUSTIFICAÇÃO DE UM FRADE

Os chronistas de D. João II, abarbados com estrondosos e sanguinarios successos, descuraram pormenores que os historiadores sobrevividos ou não investigaram, ou desanimaram de achar nas poucas e confusas tradições.

Christovão Rodrigues Acenheiro, coevo de D. João II, conta mindezas interessantes d'aquelle reinado; e posto que o snr. A. Herculano denomine *rol de mentiras* o livro de Acenheiro, boni é saber-se que Ruy de Pina e Garcia de Rezende não nos esclarecem mais do que o advogado de Evora. Nos pontos capitaes do desastroso reinado de João II conferem os trez chronistas, de modo que parecem copiar-se reciprocamente, sendo certo e sabido que Rezende trasladou com não vulgar despejo a chronica de Pina.

Lê-se attentamente Acenheiro nos capitulos que entendem com o supplicio de duque de Bragança e a morte do de Vizeu ás mãos do filho do vencedor de Arzilla. Aquella carta de fr. Paulo, confessor do duque, é commento e transluz verdade.

A relação que o mesmo frade enviou á duqueza viuva repassam-na lagrimas. (1) O real carrasco a quem infamissimos aduladores da corôa chamaram *Principe perfeito*, surge hediondo diante da posteridade, alcançando-se por sobre a nuvem dos incensos com que thuribulos abjectos cuidaram escondê-lo á execração dos vindouros. Raro ha quem se cance em esgaravar razões de estado

(1) Está inserta no tom. 3.º das «Provas da Historia genealogica da casa real.»

que contrapezem a ferocidade do filho de Affonso V. A historia á volta d'elle o que encontra é cadaveres, oitenta cadaveres de homens illustres, uns estrangulados, outros decapitados, estes mortos a punhal, aquellos a peçonha. *Oitenta!* confessou elle o numero, quando a morte lhe acenava de perto, e se lhe desabafava a consciencia supplicando ao papa constrictamente o perdão de seus peccados (2).

Os lances capitaes de tão má alma contou-os a historia á tragedia. O theatro portuguez já se inluctou com os quadros de canibalismo, trazidos á rampa e ao grande brilho dos lustres para que o povo visse justificada a razão que teve a villanagem dos chronistas de alligarem ao assassino do duque de Vizeu o anthonomastico epitheto principe «perfeito».

A prisão traiçoeira de Fernando II, duque de Bragança em Evora, executou-se em occasião que o prior mór do Prado viera a Portugal, com embaixada de Hespanha, para desfazer as terçarias, ou refens em que estavam o principe D. Affonso, filho de D. João II, e a princeza D. Joanna de Castella.

O embaixador de Hespanha, confessor dos seus reis, e geral dos Jeronymos, chamava-se Fr. Hernando de Talavera (3).

Bem que a suspeita de ter sido elle o falsario preparador da prisão do duque não transluz dos escriptores coevos, disse-se áquelle tempo que o prior desfizera ardidamente os receios que o de Bragança mostrava em concorrer a Evora, onde se festejava a troca dos infantes e o accordo do casamento. Aggravaram-se as desconfianças indecorosas ao embaixador de Hespanha, quando D. João II presenteou Fr. Hernando de Talavera com uma esplendida baixella de prata, que o frade enthesourou na sua pomposa cella conventual.

Injusta deshonra assacaram os maldizentes ao innocente prior do Prado. A sua defeza ressa e indubitavel da seguinte carta que elle remetteu ao rei de Portugal, e o snr. Roque Joaquim Fernandes Thomaz copiou de um codice da bibliotheca real de Paris:

«Muy excelente principe, e muy esclarecido Rey e Señor.

«Antam Gllz vosso cõtador veio aqui e me trouxe muita e muy booa prata de que vossa Real manificencia,

(2)... *Orator confitetur sub colore et titulo justitio et sua iniqua suggestione, octoginta et plures decesserunt iri...* «...Confessa que sob color de titulo de justiça e por seu mão induzimento foram mortos oitenta homens.» *Supplica que el-rei D. João II fez ao papa afim de lhe pedir a morte do bispo de Evora...*

Não será prudente asseverar a genuinidade deste documento que D. Antonio Caetano de Sousa trasladou no cartorio da casa de Bragança, onde o pozera um certo Gomes Ennes de Freitas, sem dizer a procedencia. De todo ponto certo é que D. João II por si, por seus algozes e amigos fez morrer oitenta pessoas.

(3) Não se encontra em algum dos historiadores portuguezes o nome deste importantissimo frade. Soccorremo-n'os da «Historia general de Espana» de Marianna, que nos esclarecem, na P. 2.ª, pag. 364, ediç. de 1669.

me quiz fazer mercê, e proueme muito que vossa Alteza a enviase por que desejo eu muito que luzam e respredam as excellencias e virtudes dos príncipes que sam postos sobre os povos como em tochas sobre camdieiros para que alumiem a todos, em as quaes nõ sam pequenas a manificença e liberalidade, porque aynda que sejam menores que as vertudes theologaes, que sam fé, esperança e caridade, e menores que a prudencia, e a justiça, e ainda que a fortaleza e temperança que sam principaes entre as moraaes, pero nisto tem grãde vigour e força a liberalidade e a manificença, como dizem os Sabios que fazem os príncipes mais queridos e mais craros, parece isto craramente no príncipe dos príncipes, e Rey dos Reyes ds nosso Sñor. que aynda q he infindamete sabio, infindamete justo, e infindamete poderoso, pero mais o amamos, e louvamos por bom, e por misericordioso que he ser largo e dadivoso, emtanto he jsto verdade que soo o dar tem assi apropiado o ser e nome da bondade, caução segudo eu cuydo que as outras virtudes tem em sy, hua como obrigação que queira ou nõ queira as hadaver, e usar o príncipe, e que quizer, a qual nõ tem a manificença e a frãqueza ao menos asi estreita e necessaria. Mas algua mayor liberdade, domde a ligoa latina lhes deu nome de liberalidade assi que he necessario, e parece mui bem que o príncipe seja catollico, e devoto, e q confiando da graça de nosso Sñor cujas vezes tem, e de suas obras justas, e meritoyas, tenha esperança certa de alcançar a gloria do ceo. E que para a cõseguir ame a nosso Senhor, e a seu proximo como assi mesmo, que sam obras de caridade, e q seja prudente, e sabio para discernir o justo do injusto, e o maõ do bõo, justo, e constante para dar a cada hun seu direito forte, e animoso para q por nehu temor deixe de fazello, temperado em seu comier, e beber em seu vestir, e trazer, e majs em os autos do matrimonio, mãsueto doçe, e benino, e majs elemete que severo, agradeçido a ds, e a gente, e cõpridamete verdadeiro. Mas o q principalmete o esclareçe o doura, e o guarneçe, e o faz querido, e amado he a frãqueza, e a misericordia. Pollo qual se jntitula ds nosso Sñor padre de misericordias, e ds de toda consollaçam, e ajnda sua benta madre a virgem nossa Snora de nehua vertude se jntitula madre ou Rainha salvo de graça, e mesericordia q a faz frãca, e dadivosa, ajnda q teve, e tem todallas vertudes em cõprida perfeiçam. Pois como eu muy excellente Sñor tenha muito desejo de nosso verdadeiro serviço ouve muyto prazer q ca, e nesta maneira lozise vossa manificença mas he verdade q ajnda q eu tenho em muyto preço ser de vossa alteza amado, e querido, por q sendo o lhe seria majs grato, e majs aceptor meu serviço, e sey q creçe o amor co beneficio. Mas com tudo jssõ fis quãto pude por nõ no Receber, por q disse a verdade q he, *beatitatis dare quã accipere*. Asi q estimo, e quero dar majs serviço q Receber mercê nõ beneficio, e por q ajnda q aquello fosse dadiva deçerto segudo Real manificença parecia-me exceder a minha Religiosa proveza, e por q saiba vossa alteza que soobe a tanto a malicia humana, q ouve quem ousasse cuy-

dar, cá ou lá, q eu dey alguma ocasiã aaprisam do duque, ho malicia tam sobeja que tal ouza cuydar, nem ha hi millhor testimunha depois de ds que vosso Real excellença, q aquisto he muy grãde falsidade asi q por nõ criar esta tam maliciosa sospeita, em alguñs maliciosos ou fracos coraçoes, ajuda me escusava deo tomar. Mas como quẽ avia vomtade q sua mercê ouvesse efecto soube vossa Real prudência cõ quem a enviava que me Repricon a tudo jsto antã gttz certo bem discretamente, dizendo-me ao primeiro q cõ os Reys nõ ha lugar aquillo por q sam deuses na terra. E co verdadeiro, e soberano ds he millhor Receber q servir, aynda q vestido de nossa humanidade para nos dar enxemplo de humildade, quis majs servir q ser servido. E dizedome ao segudo, q vossa alteza sabia que elRei, e a Rainha meus senhores queriam q eu fosse promovido a Receber huñ bispado, e q por jso me provia pera emtam desta hòrrada baixella, e q se agora ne amtã no quizesse usar della me dava liçeça, e ho avia por bem q a desse em esmola ao meu moesteiro ou aquem amj majs prouesse, ao terceiro me disse q sse aquillo pasou pollo pesamento a qualqr malicioso ao tempo da prisam, q ja era manifesto q era muy errado pensameto, polla maneira muj juridica e muy publica, q vossa alteza tivera no proceso q cõtra o duque se fez. Vi q me reprecava sagesmente mas nem por jso me pode vencer, pollo qual elle ouve daver recurso a a Rainha minha Snora queixãdosse de my a sua alteza, E dizedo que em algua maneyra jsto Redundava em mingõa da vossa, Sua alteza por cõprazer a vossa Real Senioria me mãdou que ho Reçebesse e assi ouve de ficar comigo, beijo vossas Reaões maõs pollo manifico beneficio. Pois peço lhe muj Omilmete q se lembre que alguã vez disse a vossa alteza, e aos seus, q amy nõ eram devidas graças nõ merçes de cousa que eu la a seu cõtentameto fizesse nesta delliberaçã das terçarias por q por jssõ o fazia por q me era asi mãdado ou por q saiba certo q elRei, e aa Rainha meus senhores prazeria, e q assi por jsto, como por q eu nõ tenho neçesidade nehunã, lhe pedia q se algua mercê me queria ou cuydava que me devesse fazer fosse esta, Que servisse mujto a ds sendo muy bom Rey, e fosse muy bõo amigo, e muj parete daquestes meus senhores que tam boõs lho sam, e agora lhe peço jsto mesmo, em o do duque q antã gttz me fallou, eu lhe disse o q a vossa alteza diraa. O qual nosso Senõr cõserve, e todos tempos prospere para seu muy grã serviço, ame.»

Estã justificado fr. Hernando de Talavera, que poucos annos depois, mercês da sua austerã independencia de favores e de reis, morreu arcebispo de Granada, e odiado dos parentes do duque de Bragança que o suspeitaram sempre cooperador de D. João 2.º tão perfeito algoz quanto perfeito príncipe.

C. CASTELLO-BRANCO.

À NOITE

Segredos da minha vida
Só pode a noite contar.
Só ella me vê sorrisos.
Só ella me vê chorar.
Segredos da minha vida
Só pode a noite contar.

Eu passo noites inteiras
A vê estrellas no ceu.
Cortejo bello da lua,
Donzellas lindas sem veu.
Eu passo noites inteiras
A vê estrellas no ceu.

É lindo vê entre sombras
Diamante bello a brilhar;
Eu gosto muito da lua,
Sou dóida pelo luar.
É bello vê entre sombras
Diamante lindo a brilhar.

Leva-me os olhos ao vél-a
Por entre nuvens fugir,
E ella sempre donosa,
E ella sempre a sorrir,
Leva-me os olhos ao vél-a
Por entre nuvens fugir.

Eu gosto muito da lua,
Quando s'espelha no mar,
Gosto d'ella sobre as ondas
Constantemente a mudar.
Eu gosto muito da lua,
Quando s'espelha no mar.

Eu não posso em noite amena
Deixar de vél-a, qual é;
Eu amo o astro das noites
E' uma loucura, não vê?
Eu não posso em noite amena
Deixar de vél-a, qual é.

A noite é sonho d'encantos,
A noite é foco d'amores;
Eu gosto muito da noite,
Abrigo das minhas dores.
A noite é sonho d'encantos,
A noite é foco d'amores.

Segredos da minha vida
Só pode a noite contar,
Só ella me vê sorrisos,
Só ella me vê chorar.
Segredos da minha vida
Só pode a noite contar.

Villa Real.

ERNESTINA DA LUZ.

CARTA INEDITA DE DAMIÃO DE GOES

*Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Gaveta 2.^a
Maço 11. n.º 3*

Srta.

Como jaa escreptui a V. a. ha dias eu sam entregue de algus liures de sua Recamara e fazenda, e pareceome por meu descarguo, cousa necessarea mandarse disso hua memorea, a qual vay com esta carta, e nella vera quam pouqua he a liuraria e escriptura q rreçebi, e ha grande cantidade que se deue ainda dentregar se nã he perdida, e ha meu juizo he muita, e pois. V. a. leua gosto de tudo jsto andar junto, e estar concertado na torre do toambo, denia de mandar saber de seus officiaes domde proçede faltare tantos liuros e se hos ainda hay ha mandar que sentreguem.—

ha madeira pera os almareos onde esta liuraria de V. a. ha destar ha jaa muitos dias q he acabada de laurar, e nã se assenta por eu nã poder jr ne entrar na torre do toambo, ha caussa disto he ter ã de miranda cõtador que esta em santare com hos contos hua chave della, ha qual nã pode dar sem mandado delRey. V. a. faça q. pois jaa das cousas particulares do toambo de todo se descuida, q ha o menos com has partes se tenha conta, e se aia dellas misericordia, e se de modo comque possão aver os despachos que me vê rrequerer, nosso sr. acreçente ha vida e rreal estado de vossa alteza, de Lixboa aos XV dias de fr.º de 1549.

Damiam de Goes.

N.B. Esta carta de Damião de Goes he authographa: está escrita em huma folha de papel branco: na primeira meia folha está escripta a carta, e occupa ambas as landas. O titulo=snra=está no alto da primeira lauda, junto á borda, e bem no meio: a carta começa deixando apenas a quarta parte em branco entre o titulo e o principio: tem de cada lado duas margens iguaes, da largura de dous dedos cada huma, e no fundo da primeira lauda ha outra margem hum pouco mais larga que as dos lados. A carta continúa na segunda lauda; mas no alto sómente dous dedos abaixo da extremidade superior do papel. Entre o fim da carta, e o cumprimento=nosso sr. &=ha o intervallo de duas lihas. Entre o remate da carta, e a assignatura, que está bem no fundo, ou dois terços da lauda que ficarão em branco estão aspados. He esta huma carta de officio, a qual eu copiei fielmente do original, a 11 de Setembro de 1837.

O Conselheiro Antonio Nunes de Carvalho,—Guarda Mór Interino do Arq. Nac.

2.º N.B. O sobre escrito está no segunda meia folha e he=P.ª a Rainha nossa Srta.=

EXPEDIENTE

Por vermos insuperaveis as difficuldades com que lutamos para dar-mos em tempo competente os figurinos de modas aos nossos assignantes, resolvemos supprimit-os e dar-mos em vez d'elles mais duas paginas de leitura cada mez e um romance de author conhecido no fim do anno.